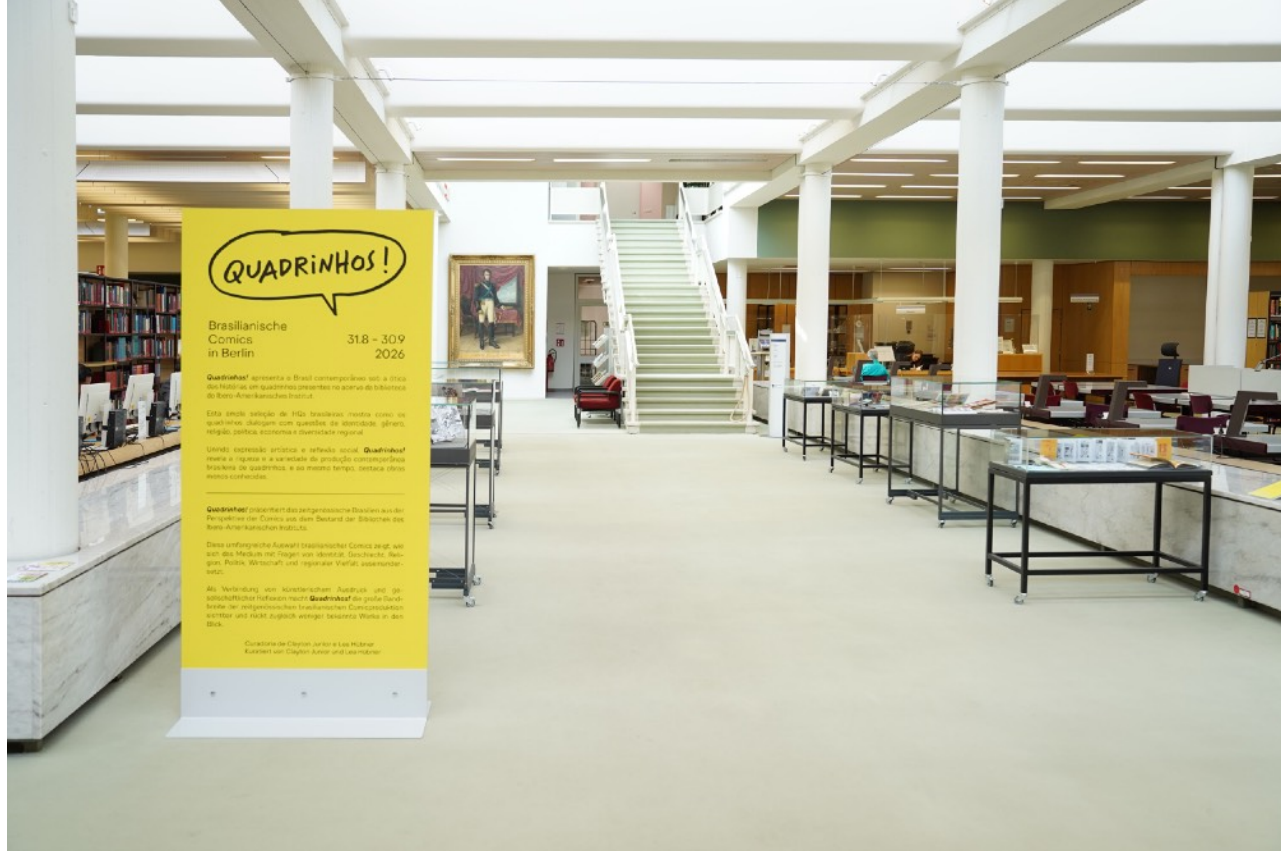




Quadrinhos brasileiros em Berlim: um encontro com a coleção do Ibero-Amerikanisches Institut

Clayton Junior e Lea Hübner

1. Introdução

Entre 31 de agosto e 2 de outubro de 2026, a biblioteca do Ibero-Amerikanisches Institut (IAI), em Berlim, recebe a exposição 'Quadrinhos! – Brasilianische Comics in Berlin', resultado de cerca de oito meses de pesquisa realizada entre mais de 1300 publicações de histórias em quadrinhos brasileiras¹ presentes na biblioteca do instituto.

Foram selecionadas 55 publicações para as oito vitrines da sala de leitura. A maior parte é contemporânea, sobretudo posterior a 2014, mas foram incluídas também obras fundamentais para contextualizar algumas das transformações pelas quais os quadrinhos brasileiros passaram nas últimas décadas.

Em vez de tentar oferecer uma visão geral dos quadrinhos brasileiros — tarefa que a própria diversidade da produção tornaria impossível —, a exposição pretende observar o que uma coleção construída a milhares de quilômetros do Brasil pode revelar sobre essa produção em termos de mudanças, seus circuitos de circulação e, principalmente, ampliar a visibilidade de autores, regiões, identidades e perspectivas representadas nos quadrinhos brasileiros.

¹ A busca no sistema digital OPAC, catálogo online da biblioteca do IAI, sob o tópico "comics" e país de publicação "Brasil", resultaram em 1380 resultados. Em quase sua totalidade se compõe de histórias em quadrinhos, enquanto uma pequena minoria são trabalhos sobre histórias em quadrinhos.

Ao reunir obras publicadas por grandes editoras, pequenas casas editoriais, coletivos e pelos próprios autores, os curadores encontraram uma produção ao mesmo tempo fragmentada e extraordinariamente viva.

2. Por que fazer uma exposição de quadrinhos brasileiros em Berlim?

Para Clayton, a relação com os quadrinhos começou antes mesmo de aprender a ler. “Cresci frequentando a Gibiteca de Curitiba, a primeira biblioteca pública de quadrinhos do Brasil e, dizem por aí, também do mundo. Ali fui exposto ainda criança a títulos que não encontraria de outra forma, como os quadrinhos originais do Pererê dos anos 1960, edições da Heavy Metal americana, da Frigidaire italiana, fanzines punk argentinos, além de muitos materiais que estavam além da minha própria compreensão²”

Esse contato precoce com uma biblioteca dedicada aos quadrinhos acabou determinando boa parte da vida de Clayton. Ele se tornou artista visual, ilustrador e autor de histórias em quadrinhos e, mesmo morando há quase 20 anos fora do Brasil, acompanha com prazer a produção brasileira.

“Acompanhar quadrinhos à distância significa também perceber constantemente o quanto se deixa escapar. Volto ao Brasil todos os anos, converso com amigos autores, editores e livreiros e, ainda assim, durante a pesquisa no IAI encontrei obras extraordinárias de artistas dos quais nunca tinha ouvido falar.”

Isso diz muita coisa sobre a produção brasileira dos últimos 20 anos. Ela cresceu, se diversificou e se espalhou de uma maneira que torna praticamente impossível acompanhá-la a partir de um único ponto de vista. Foi justamente por isso que, depois das primeiras visitas à coleção, Clayton e Lea perceberam que seria interessante compartilhar descobertas, dúvidas e entusiasmo durante a pesquisa.

Depois de receber minha primeira pilha de quadrinhos e passar cinco horas mergulhado na leitura, ficou claro que material interessante não faltaria. Mas, pensando em Power Paola e Amadeo — refiro-me ao projeto que a quadrinista colombiana-equatoriana e o pesquisador argentino haviam feito juntos no IAI sobre fanzines e quadrinhos latino-americanos da coleção —, percebi que precisava de alguém com quem compartilhar todo esse entusiasmo quadrinístico. E, naturalmente, a pessoa ideal para essa tarefa era Lea Hübner.”

Uma das principais tradutores de quadrinhos do português e do espanhol para o alemão, Lea fala português fluentemente, conhece profundamente os quadrinhos latino-americanos e é uma interlocutora inesgotável.

² Paráfrase de Laerte, “Penas”, in Histórias repentinas (São Paulo: Jacarandá/Devir, 2002).

Lea cresceu lendo quadrinhos como *Little Nemo in Slumberland*³, além das séries franco-belgas “clássicas”, logo entrou em contato também com as tiras feministas de Franziska Becker e Claire Brétecher, assim como com os quadrinhos gays de Ralf Könige e os álbuns do comediante underground Seyfried. Aprendeu português em Rondônia, uma história que merece ser contada por ela mesma, e traduziu para o alemão autores brasileiros como Marcelo D'Saleta, Marcelo Quintanilha, bem como Sike, Powerpaola, Sol Díaz e Sole Otero do espanhol, entre outros, para a revista suíça *Strapazin*⁴.

Clayton conta como os amigos se conheceram: “em 2019, depois de um ano vivendo em Berlim, eu ainda me sentia perdido na cena local. Em 2017 eu havia publicado minha graphic novel *Ma Vie de Loup* na França e tentava entender como funcionava o mercado alemão. Entrei em uma livraria, peguei um exemplar da edição alemã de *Angola Janga*, de Marcelo D'Saleta, e procurei o nome da tradutora. Era Lea. Encontrei seu site que tinha seu endereço: Lea morava na mesma pequena rua que eu, Krüllstraße, a cerca de cinquenta metros de distância. Desde então tomamos muitos cafés, conversamos muito sobre Berlim, quadrinhos, literatura, tradução. Estava na hora de fazermos algo juntos.”



³ Histórias criadas por Winsor McKay, artista estadunidense, publicadas de 1905 a 1914 e de 1924 a 1927, que influenciou gerações de artistas, incluindo nomes como Moebius, Chris Ware, William Joyce e Maurice Sendak.

⁴ Lea traduziu para a revista de quadrinhos diversas histórias brasileiras e argentinas, como na revista *Strapazin* n.º 138, dedicada à Argentina, com prefácio de Amadeo Gandolfo, e é editora convidada da revista *Strapazin*, n.º 165, na qual também estão representados artistas do Brasil, do Chile, da Argentina e de Portugal.

3. Uma exposição que começou com outra exposição

A inspiração para o projeto veio depois dos curadores assistirem à apresentação de uma exposição no próprio IAI em fevereiro de 2024, com a quadrinista colombiana-equatoriana Power Paola e pelo pesquisador argentino Amadeo Gandolfo como curadores convidados ⁵.

Durante uma temporada em Berlim como professora convidada da Freie Universität Berlin, Power Paola se juntou ao argentino Gandolfo, então residente em Berlim, para pesquisar a coleção de fanzines Argentinos do instituto e organizar uma mostra sobre os seus achados. A exposição foi acompanhada por uma conversa sobre as publicações encontradas durante a pesquisa ⁶.

Lea presenciou o evento; Clayton o assistiu posteriormente pelo canal do IAI no YouTube. “Por que não fazer algo semelhante com os quadrinhos brasileiros?”, pensaram.

A pergunta parecia simples. O que eles ainda não sabiam era a dimensão da coleção que encontrariam: uma busca rápida no catálogo revelou cerca de 1.380 títulos relacionados aos quadrinhos brasileiros.

4. Abrindo caixas

A biblioteca do IAI funciona por solicitação: você pede os títulos através do catálogo online, mas nunca se sabe exatamente o que vai aparecer quando a pilha chega no balcão. De acordo com Clayton e Lea, a sensação repetida muitas vezes durante a pesquisa na biblioteca era um pouco como abrir presentes no Natal. Um título de alguém conhecido pode chegar junto de um fanzine auto-publicado por alguém em uma cidade do interior ⁷.

Algumas publicações provocavam ainda outra pergunta: “como isso veio parar aqui”?

Há fanzines e livros na coleção cuja circulação provavelmente é muito pequena. É possível imaginar alguns de seus percursos: pesquisadores ligados ao instituto, viagens de pesquisa, visitas a festivais de quadrinhos ou às muitas feiras de publicações independentes que surgiram em todo o país nos últimos 15 anos.

⁵ Exposição ‘Yo siempre estoy lejos. Fanzines y cómics latinoamericanos atravesando fronteras’ (‘Estou sempre longe. Fanzines e quadrinhos latino-americanos cruzando fronteiras’), organizada por Charlotta Andersson, María Manrique Gil, Dorothea Köhler e Luisa Röhrig.

⁶ STIFTUNG PREUSSISCHER KULTURBESITZ. From a chance encounter to the display case: The comic artist Powerpaola discovers the IAI’s fanzine collection. SPKmagazin, 26 mar. 2024. Disponível em: <https://www.spkmagazin.de/en/2024/from-a-chance-encounter-to-the-display-case.html>. Acesso em: 8 set. 2026.

⁷ Referência ao fanzine O Artista no Meio do Mato, de Jorge Goularte, incluído no grupo dedicado a quadrinhos experimentais.

O mistério, porém, permaneceu: a procedência dessas publicações ficou como assunto para uma possível pesquisa futura, enquanto os curadores decidiram manter o foco nas obras encontradas, em seus autores e em seus conteúdos.

Durante os encontros na biblioteca, em vez de simplesmente selecionarem aquilo que interessava a um ou ao outro, seus diferentes interesses e experiências imediatamente entraram em diálogo.



Clayton vem da prática de circular nesse meio como artista e, como brasileiro, trouxe para a mesa a familiaridade com o contexto sociocultural das publicações, além da intimidade com a história dos quadrinhos do país. Lea, como tradutora alemã que acompanha profissionalmente os quadrinhos latino-americanos — com interesse especial em artistas não-homens cis —, contribuiu com o olhar atento e a perspectiva internacional de quem trabalha há mais de vinte anos com traduções e adaptações entre dois contextos socioculturais bastante diversos: o latino-americano e o alemão.

Assim, suas escolhas nem sempre coincidiram. Compartilhar o fascínio pelas publicações significava também discordar, defender uma opinião, chamar a atenção do outro para algo que talvez tivesse passado despercebido e, pouco a pouco, compor um possível retrato da produção brasileira através daquilo que a coleção poderia oferecer.

5. Tentando organizar um organismo fora de controle

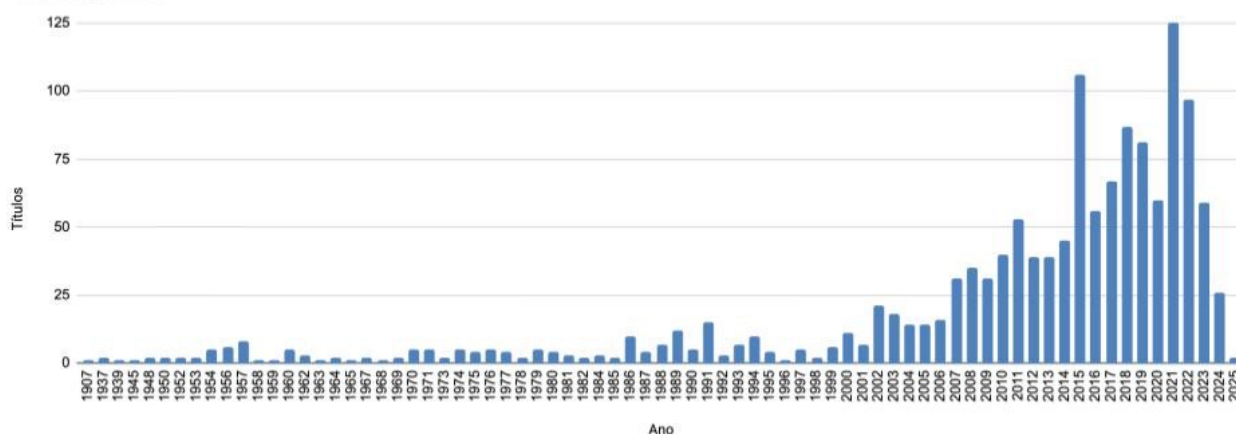
A primeira tentativa da dupla de organizar os quadrinhos em categorias encontrou rapidamente seus limites.

As obras atravessam simultaneamente gêneros, temas, formatos e contextos de produção. Um livro pode ser ficção histórica e publicação independente; uma história infantil pode tratar de questões indígenas; uma narrativa autobiográfica pode ser ao mesmo tempo feminista, queer e urbana.

Também foi considerada uma organização cronológica.

A coleção brasileira do IAI é composta majoritariamente por publicações posteriores a 2007, com forte concentração na década de 2010. Segundo um levantamento estatístico que Clayton fez da coleção, há picos especialmente visíveis em 2015 e 2021 (como mostra o gráfico abaixo).

Títulos por Ano



É importante ressaltar que esse gráfico representa a coleção do IAI, e não a produção nacional. Ainda assim, é tentador imaginar relações entre esse crescimento e algumas transformações ocorridas no mercado de quadrinhos: expansão da publicação independente, venda direta, redes sociais e plataformas de financiamento coletivo ⁸.

⁸ O Catarse, principal plataforma brasileira de financiamento coletivo (crowdfunding) começou em 2011, e justamente uma HQ, Achados e Perdidos, tornou-se naquele ano o primeiro quadrinho financiado pela plataforma, arrecadando cerca de R\$30 mil com 520 apoiadores.

Um exemplo é *Confinada*, de Leandro Assis e Triscila Oliveira, que começou a circular nas redes sociais durante a pandemia e posteriormente ganhou edição impressa ⁹.

“Essas observações, porém, são hipóteses surgidas durante nossa pesquisa, e não pretendemos transformá-las aqui em uma análise do mercado editorial brasileiro”, declara Clayton.

Também foi considerada uma divisão regional. forma encontradas publicações produzidas em 13 dos 27 estados do Brasil¹⁰ (e a indicação “vári*s autor*s” sugere a existência de outros, não mencionados), mas a concentração nos maiores centros urbanos tornaria essa organização pouco representativa.

Se chegou então a uma solução simultaneamente conceitual e prática: oito grupos para oito vitrines¹¹.

Não se pretendeu devir os grupos como gêneros rígidos, funcionam como caminhos de leitura que organizam as 55 publicações selecionadas e ajudam o visitante a perceber relações entre obras muito diferentes.

Grupo 1: Os alicerces do quadrinho brasileiro

Antes de observar as transformações recentes da produção brasileira, parecia importante estabelecer alguns pontos de referência.

A parte mais antiga da coleção do IAI é relativamente pequena quando comparada à quantidade de publicações posteriores a 2010. Ainda assim, reúne obras fundamentais para compreender algumas tradições dos quadrinhos brasileiros.

Encontramos edições de *O Tico-Tico*, publicada entre 1905 e os anos 1970¹², do *Pererê*, de Ziraldo; de *Fradim*, de Henfil; e de revistas ligadas à explosão do humor gráfico e dos quadrinhos adultos nas décadas de 1980 e 1990.

⁹ WIKIPÉDIA. *Confinada*: “A campanha bateu o recorde da plataforma em quantidade de apoiadores: 7.859 pessoas, em uma arrecadação total de R\$ 611.445,00 (quase nove vezes a meta original de R\$ 69 mil)”. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: verbete “*Confinada*”. Acesso em: 22 ago. 2026.

¹⁰ Amazonas (AM), Pará (PA), Ceará (CE), Paraíba (PB), Pernambuco (PE), Bahia (BA), Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Paraná (PR), Santa Catarina (SC), Rio Grande do Norte (RN) und Rio Grande do Sul (RS); na bibliografia de cada grupo, após os nomes d*s autor*s, constam as siglas dos estados correspondentes (quando conhecidos).

¹¹ Cabe observar que, além dos 55 títulos expostos nas vitrines, algumas dezenas de outros títulos foram catalogados e fotografados; embora não estejam nas vitrines, podem ser vistos em um tablet na exposição. Outros ainda foram incluídos na apresentação digital de imagens para serem comentados durante o evento de 24 de setembro.

¹² Uma curiosidade: Mickey Mouse fez sua estreia em quadrinhos no país em 1930 nas páginas de *O Tico Tico* e era chamado de *Ratinho Curioso*.

No caso de Henfil, humor e comentário político aparecem de maneira inseparável. Fradim enfrentava tabus sociais e políticos durante a ditadura militar e incluía também, em determinadas edições, as “Cartas de um Subdesenvolvido”, correspondências escritas por Henfil ao seu irmão no Brasil durante o período em que o autor viveu nos Estados Unidos.

Outro núcleo importante é formado por Angeli, Glauco e Laerte. Chiclete com Banana, Geraldão e Piratas do Tietê representam uma geração que ampliou enormemente a liberdade temática e estética dos quadrinhos de grande circulação no Brasil pós-ditadura militar.

Laerte oferece ainda uma ponte particularmente interessante entre gerações. Seu trabalho atravessa décadas, transformações políticas, mudanças formais e também sua própria trajetória pública de identidade de gênero. Na exposição, foi colocada Piratas do Tietê ao lado de Manual do Minotauro, permitindo observar duas fases muito diferentes de sua produção.



Os curadores também gostariam de mencionar Níquel Náusea, de Fernando Gonsales, presente na coleção mas ausente da vitrine simplesmente por falta de espaço.

E não podemos esquecer a onipresente Turma da Mônica, que é publicada desde 1959 até hoje e é, para a maioria das crianças brasileiras, sinônimo de “quadrinhos”.

- Turma da Mônica, Maurício de Souza (SP), Panini, São Paulo 2014. [Z / 26107]
- Todo o Pererê, Volume 1, Ziraldo (SP), Salamandra, São Paulo 2002. [B 17 / 3861]
- Fradim: para maiores de 16 anos, Henfil (RJ), Codecri (RJ), 1971. [Z / 26238]
- Geraldão 90, Glauco (SP), Circo Editorial, São Paulo, 1993. [Z / 32201]

- Piratas do Tietê e outras Barbáries, Laerte (SP), Ensaio, São Paulo, 1994. [B 96 / 42]
- Transubstanciação, Lourenço Mutarelli (SP), Dealer, São Paulo 1991. [B 24 / 36]
- Pererê nº 5, Ziraldo (RJ), O Cruzeiro, Rio de Janeiro 1961. [Z / 33117]
- Almanaque Tico-Tico, vários autores, O Malho, Rio de Janeiro 1949. [Z / 33128]
- Antologia Chiclete com Banana, Angeli (SP), Devir, São Paulo 2007. [B 17 / 490 : 1-5]
- Manual do Minotauro, Laerte (SP), Quadrinhos na Cia., São Paulo 2021. [B 23 / 3227]

Grupo 2: Brasil é urbano. A cidade é personagem

O título desta vitrine vem do fato de apesar do Brasil ser conhecido no exterior por suas vastas paisagens naturais (em constante ameaça e destruição extrativista), a grande maioria da sua população vive em cidades. De acordo com o censo de 2022, 87% dos brasileiros vivem em centros urbanos, concentrada em suas 27 capitais, e outras cidades de grande e médio porte em todo o país. Isso aparece de maneira muito clara na coleção.

Nesta vitrine, a cidade não é apenas cenário: ela determina deslocamentos, desigualdades, relações sociais, conflitos e identidades.

Em Morro da Favela, de André Diniz, a cidade do Rio de Janeiro aparece através das memórias do fotógrafo Maurício Hora. Na história documental Existe Outro Caminho: A primeira geração do rap nacional de Douglas Lopes e Max Koubik, São Paulo é também o território em que uma cultura musical se articula. O livro em formato quadrado Conversas em Porto Alegre, de Pablito Aguiar, traz entrevistas realizadas pelo autor com moradores da capital do Rio Grande do Sul. E obras de ficção, baseada em dramas urbanos bastante reais, como Estopim e Cara Coroa – também um título que, por falta de espaço, não conseguiu ser incluído fisicamente na exposição – colocam moradores das periferias no centro das narrativas.

Também faz parte da seleção a antologia Braba, que foi lançada simultaneamente em inglês em 2024 (nos EUA, pela Fantagraphics). Também foram incluídos Encruzilhada, de Marcelo D'Saete, autor que inicialmente se dedicava a histórias urbanas (mais sobre ele no Grupo 6), Escuta, formosa Márcia (Marcello Quintanilha), drama sobre mãe e filha ambientado no Rio, e Não Identificado, de Bennê Oliveira, ficção repleta de cores, sobre a irrupção de algo misterioso na rotina cotidiana de uma metrópole.

Mais do que representar uma cidade específica, essas publicações mostram como a experiência urbana atravessa boa parte da produção contemporânea de quadrinhos no país.

- Estopim, Diox (SP), Veneta, São Paulo 2023. [B 24 / 2380]
- Braba, vários autores, Mino, São Paulo, 2024. [B 24 / 3761]
- Existe Outro Caminho – a primeira geração do rap nacional, Douglas Lopes, Max Koubik (PR), autopublicado, 2019. [A 20 / 8005]
- Conversas em Porto Alegre, Pablito Aguiar (RS), Arquipélago, Porto Alegre 2024. [A 25 / 1151]
- Não Identificado, Bennê Oliveira (PE), autopublicado, Recife 2022. [A 24 / 157]
- Morro da Favela, André Diniz (RJ), Barba Negra, São Paulo 2011. [A 13 / 4031]
- Encruzilhada, Marcelo D'Saete (SP), Leya, Rio de Janeiro/São Paulo 2011. [A 12 / 14776]
- Escuta, formosa Márcia, Marcello Quintanilha (RJ), Veneta, São Paulo 2021. [B 22 / 142]

- Cara Coroa, de Felipe Castilho, Marília Marz e Tainan Rocha, Arte e Letra (PR), em 2023. [A 25 / 8086]



Grupo 3: Chegou chegando: as narrativas feministas e queer

“Chegar chegando” significa entrar sem hesitação, ocupando espaço.

A expressão nos parece adequada para uma transformação particularmente visível nos quadrinhos brasileiros das últimas décadas: a presença crescente de mulheres e pessoas LGBTQ+ como autoras e protagonistas.

Lea e Clayton pertencem a uma geração que testemunhou um meio durante muito tempo fortemente masculino, o que também se refletia na representação das personagens femininas e nos temas das narrativas.

Principalmente a partir da década de 2010, esse cenário se transformou de maneira profunda.

Novas autoras passaram não apenas a ocupar espaços já existentes, mas também a criar seus próprios coletivos, publicações, eventos e circuitos.

Na coleção do IAI, foram encontradas desde o Zine das Zinas — edição Tranza com temas eróticos de emancipação sexual (em mostra pena a capa, pois o conteúdo é inapropriado para

menores), até 'Mina de HQ', publicação que se tornou a revista de quadrinhos mais abrangente e ambiciosa do Brasil¹³.

A pequena seleção apresenta também mais 5 títulos que vão da ficção a (histórias de descoberta da sexualidade, como Arlindo), passando por narrativas autobiográficas e biográficas, inclusive uma criada com participação masculina: Shamisen – Canções do Mundo Flutuante, que resgata do esquecimento a vida e a obra da musicista japonesa cega Haru Kobayashi (1900–2005).



Destacam-se especialmente a coleção de curtas histórias autoficcionalistas e feministas intitulada Histórias Tristes e Piadas Ruins, de Laura Athayde (que chamam a atenção por seu formato peculiar: uma revista dupla com o formato pequeno na frente e o formato minúsculo atrás), Normal, de Helena Cunha. A história é hilária, construída com inteligência e impressiona por sua originalidade: "Cansada de esperar a cura gay que a igreja tanto promete, Clarinha tenta fazer um pacto com o diabo para deixar de ser lésbica.", como descreve a página da autora na plataforma de financiamento coletivo.

- Zine das Zinas edição Tranza, Coletivo Zinas (MG), autopublicado, 2015. [A 16 / 13953]
- Normal, Helena Cunha (RJ), autopublicado, Rio de Janeiro 2023. [A 24 / 14210]
- Arlindo, Ilustralu (RN), Cia. das Letras, São Paulo 2021. [B 23 / 1671]
- Mina de HQ, Gabriela Borges (org.), vári*s autor*s, autopublicado, 2021–2023. [Z 38875]
- Em ti Me Vejo, Regiane Braz, Marília Marz (SP), Conrad, São Paulo 2023. [A 25 / 10630]

¹³ Em 2025 foi publicado o livro de 190 páginas 10 anos Mina de HQ – Quadrinhos, diversidade e insurgência sugerido para aquisição pelo IAI.

- Shamisen: Canções do Mundo Flutuante, Guilherme Petreca, Tiago Minamisawa (SP), Pipoca e Nanquim, São Paulo 2021. [A 23 / 26111]
- Histórias Tristes e Piadas Ruins, Laura Athayde (AM), autopublicado, 2018. [A 24 / 7532]

Grupo 4: A História recontada

A história sempre depende de quem a conta.

Nesta vitrine forma reunidas obras que revisitam acontecimentos, personagens e tradições a partir de perspectivas diferentes daquelas que costumam dominar as narrativas oficiais.

Algumas são diretamente históricas, como A alma que caiu do corpo, do quadrinista de formação em antropologia André Toral. Outras transformam episódios e tradições em ficção, como A Guerra do Reino Divino, de Jô Oliveira, publicada originalmente em 1976 e apontada como a primeira graphic novel brasileira.



A Moça que Namorou com o Bode, de Klévisson Viana e Ari Evaldo Lima, aproxima os quadrinhos da tradição da literatura de cordel. Já A Independência do Brasil em Quadrinhos, trabalho didático de Fábio Paiva, Ernani Ribeiro e Bárbara Machado, desloca o olhar para Pernambuco e contribui para relativizar uma narrativa frequentemente concentrada nos acontecimentos do Sudeste.

A vitrine não pretende substituir uma narrativa histórica por outra, mas mostrar como os quadrinhos podem participar da disputa sobre aquilo que um país escolhe lembrar.

- A Batalha, Fernanda Verissimo, Eloar Guazzelli (RS), Quadrinhos na Cia, São Paulo 2022. [B 23 / 3220]
- A Guerra do Reino Divino, Jô Oliveira (PE), Hedra, São Paulo 2001. [B 18 / 1953]
- A alma que caiu do corpo, André Toral (SP), Veneta, São Paulo 2020. [A 24 / 6250]
- Hans Staden, Jô Oliveira (PE), Conrad, São Paulo 2005. [B 07 / 3248]
- A Moça que namorou com o Bode, Klévisson Viana, Ari Evaldo Lima et al. (CE/PE/SP), Tupynankim / Coqueiro, Fortaleza 2003. [B 18 / 1757]
- A Independência do Brasil em Quadrinhos, Fábio Paiva, Ernani Ribeiro, Bárbara Machado (PE), Editora UFPE, Recife 2022. [B 24 / 2378]
- Carniça e a Blindagem Mística, Shiko (PB), autopublicado, 2020. [B 23 / 2226]
- Angola Janga – uma história de Palmares, Marcelo D'Saete (SP), Veneta, São Paulo 2017. [A 19 / 3033]

Grupo 5: *Poranduba*¹⁴: A visibilidade dos povos originários

Durante muito tempo, personagens indígenas apareceram em histórias criadas e narradas quase exclusivamente por autores não-indígenas. O crescimento de uma nova geração de escritores, artistas e comunicadores pertencentes aos próprios povos originários começa gradualmente a mudar essa situação.

A internet, as redes sociais e novas possibilidades de produção e circulação cultural tiveram papel importante na ampliação dessa visibilidade.

Em 2026 foi publicada *Territórios Compartilhados*¹⁵, organizada por Eá Borum Krenak e apresentada como uma antologia de quadrinhos de autores indígenas. Foi recomendada sua aquisição ao IAI, mas a publicação não chegou a tempo de integrar a exposição.

As obras selecionadas para esta vitrine vêm em sua maioria da região Norte, especialmente de Manaus e Belém, não significando, porém, que sejam todas produzidas por autores indígenas.

O grupo reúne publicações que, pela proximidade geográfica e cultural com territórios e questões amazônicas, frequentemente apresentam representações dos povos originários menos distantes e estereotipadas do que aquelas encontradas historicamente na cultura impressa brasileira.

¹⁴ *Poranduba*: Do tupi pora ʼnduwa, palavra formada por poro (“gente”) e endu (“ouvir, sentir, perceber”). Significa história, notícia, pergunta ou narrativa oral e está associada à transmissão de saberes pela palavra. Entre os povos indígenas do Brasil, o termo designa histórias e conhecimentos transmitidos oralmente de geração em geração, preservando memórias, origens, experiências e modos de compreender o mundo.

¹⁵ *Territórios Compartilhados*, antologia. Organização Eá Borum Krenak, 2026. Mais informações em <https://www.keikolina.com.br/territorios-compartilhados>

Também se notou uma articulação interessante entre autores, estúdios e iniciativas de Manaus e Belém, com ou sem apoio de instituições culturais regionais¹⁶.

As narrativas percorrem caminhos muito diferentes: ficção científica, super-heróis, aventura, histórias tradicionais e experiências pessoais.

Um dos destaques é Onde habita o medo, de Tai e Nil, uma narrativa de aventura baseada em elementos de tradições amazônicas. A obra atravessa temas como ancestralidade, adolescência e intolerância religiosa de maneira divertida, extremamente original, e bastante atual.

Se espera que, nos próximos anos, coleções como a do IAI recebam um número cada vez maior de quadrinhos realizados pelos próprios artistas indígenas, que como se vê na literatura e no jornalismo atual, têm papel fundamental para colocar em circulação maneiras diferentes de compreender nossa relação com território, natureza, coletividade e aquilo que costumamos chamar de desenvolvimento.



- Xamã, Eberton Ferreira (RJ), Estúdio Ton, Rio de Janeiro 2022. [Z42425]
- Ajuri Comics, vários autores, autopublicado, Manaus 2018. [Z40659]
- Jungle Comics, vári*s autor*s, C4 Studio, Manaus 2020. [Z40662]
- Onde habita o medo, Tai, Nil (PA), autopublicado, Belém 2024. [A 24 / 14164]
- Ajuricaba, Ademar Vieira, Jucylane Júnior (AM), Black Eye Estúdio, Manaus. [B 22 / 383]

¹⁶ Exemplo disso são o coletivo MáTinta, formado em 2018, que conta com 36 mulheres quadrinistas baseadas em Manaus, e a iniciativa Norte em Quadrinhos criado em 2020 para mapear e divulgar autores, obras e narrativas da Amazônia.

Grupo 6: O Protagonismo afro-brasileiro



A ampliação das vozes negras na cultura brasileira é resultado de uma longa disputa por acesso, reconhecimento e espaço em instituições historicamente excludentes, como a universidade, as artes e o mercado editorial.

Nos quadrinhos, essa transformação trouxe novos autores, novos leitores e, sobretudo, narrativas que colocam a experiência e a sensibilidade afro-brasileiras no centro da ação.

Contos dos Orixás, de Hugo Canuto, é talvez o exemplo mais imediatamente reconhecível nesta seleção. Inspirada em matrizes religiosas e narrativas africanas, a obra constrói um universo de divindades, heróis e mitologias com forte impacto visual.

O afrofuturismo aparece em trabalhos como Almanaque Kitembo e Ebó 2.222, de Alex Mir e Da-landreson, nos quais referências afro-brasileiras encontram gêneros como fantasia e ficção científica.

Indivisível – uma história de Liberdade, de Marília Marz, surgiu como trabalho de conclusão de curso de arquitetura na Escola da Cidade, em São Paulo, e aborda a convivência entre as comunidades afro-brasileiras e do Leste Asiático no bairro da Liberdade (em São Paulo), com a ênfase — já presente no título — em não se deixarem colocar umas contra as outras.

Marcelo D'Saete ocupa naturalmente um lugar central na vitrine.

Em obras como *Cumbe*, *Angola Janga* e *Mukanda Tiodora* seu trabalho colocou sua pesquisa em história, literatura, e culturas afro-brasileiras no centro de narrativas de enorme força visual e literária, alcançando também amplo reconhecimento internacional.

- *Contos dos Orixás*, Hugo Canuto (BA), Ori, 2022. [B 24 / 3215]
- *Indivisível – uma história de Liberdade*, Marília Marz (SP), Conrad, São Paulo 2022. [B 23 / 2225]
- *Ebó 2.222*, Alex Mir, Daiandreson (PB), Ultimato do Bacon, Curitiba 2022. [B 23 / 1680]
- *Mukanda Tiodora*, Marcelo D'Saleta (SP), Veneta, São Paulo 2022. [A 24 / 14224]
- *Almanaque Kitembo*, vári*s autor*s, Editora Kitembo, São Paulo 2022. [Z / 39960]
- *Cumbe*, Marcelo D'Saleta (SP), Veneta, São Paulo 2018. [A 18 / 16788]

Grupo 7: Underground: nas entranhas do país



O quadrinhos ditos underground ocupam um lugar particular nessa coleção. Ou seriam os quadrinhos que ocupam um lugar especial nesse espaço mutante dito underground? Provavelmente os dois. E de qualquer forma, eles não podem deixar de estar em nenhuma coleção de quadrinhos de respeito.

Fanzines, quadrinhos dementes de liberdade desenfreada, revistas de pequenas tiragens, trabalhos autopublicados de autores completamente independentes são objetos cuja trajetória até a biblioteca é difícil de reconstruir.

Mas essa aparente marginalidade é justamente parte de sua importância. A história em quadrinhos como linguagem artística sempre foi um campo fértil no qual artistas podem experimentar sem ter que responder às exigências de nenhum tipo de mercado editorial.

A seleção vai do recente zine *Encrenca*, formado por um ativo grupo de quadrinistas de Curitiba, passando por *Agropunk*, de Ulisses Garcez, uma aventura cheia de ação envolvendo velhos punks e neonazistas numa cidade do interior de São Paulo, até a escatologia sem limites de *Chuva de Merda*, de Luiz Berger.

A seleção inclui também *Coleção de obras completas: Velta*, uma republicação da série da super-heroína Velta de autoria do quadrinista Emir Ribeiro. Criada na Paraíba em 1973, a super-heroína atravessou cinco décadas em publicações que circularam em boa parte de maneira independente.

- *Encrenca*, vári*s autor*s, autopublicado 2023. [B 24 / 2165]
- *Agropunk*, Ulisses Garcez (SP), Veneta, São Paulo 2022. [A 24 / 16525]
- *Chuva de Merda*, Luiz Berger (SP), Gordo Seboso/Ugra Press, São Paulo 2015. [A 18 / 13534]
- *Menina Infinito: Depois das Horas*, Fábio Lyra (SP), Pé de Cabra (PR), 2020. [B 24 / 2378]
- *Escape HQ*, vári*s autor*s, autopublicado, São Paulo 2015. [Z 38905]
- *Punks e derivados no Brasil*, Max Vadalá (RJ), V&L Fanzine Edições, Rio de Janeiro 2024. [A / 25 10643]
- *Coleção de obras completas: Velta*, Emir Ribeiro (PB), autopublicado, João Pessoa 2019. [A 24 / 21706]

Grupo 8: Experimental: o quadrinho fora do formato

Se todo quadrinho contém alguma forma de experimentação, algumas publicações fazem dessa liberdade seu próprio assunto. Nesta última vitrine são apresentadas obras que tensionam a ideia convencional de página, livro, narrativa ou desenho sequencial.

Efeito manada e Fachadas, de Rafael Sica, mostram como o rigor gráfico pode produzir resultados poéticos extremamente sofisticados.

Artista no meio do mato, de Jorge Goularte, é uma publicação de aparência modesta, produzida em fotocópia e folhas soltas, que aos poucos se revela uma poderosa (ainda que melancólica) crítica à sociedade tecnocrática contemporânea.

Damasco, de Alexandre S. Lourenço e Lielson Zeni, utiliza preto e laranja fluorescente em uma diagramação aventureira, demonstrando como uma obra visualmente pouco convencional pode encontrar circulação também no mercado editorial mainstream.

São Paulo Infinita, de Juliana Russo, aproxima-se do formato de um sketchbook narrativo, conduzindo o leitor por uma experiência pessoal da maior cidade do Brasil, com a autora como guia.

Quem não poderia nessa pequena festa alternativa é o gaúcho Fábio Zimbres, um verdadeiro ícone do quadrinho experimental no país. Sua trajetória atravessa quadrinhos, zines, livros de artista, música e inúmeros formatos impressos. Na coleção foi encontrada *Eu Fiz uma História em*

Quadrinhos, publicado pela Ugra Press como parte da coleção 'Ugrito', publicada pela Ugra Press (braço editorial da pequena e simpática loja UGRA em São Paulo).

A vitrine de quadrinhos underground lembra que quadrinhos não são apenas um gênero editorial, mas uma linguagem capaz de assumir praticamente qualquer forma.



- Efeito manada, Rafael Sica (RS), autopublicado, 2013. [A 16 / 3072]
- Artista no meio do mato, Jorge Gularte (RS), autopublicado, 2023. [A 24 / 20228]
- São Paulo Infinita, Juliana Russo (SP), Gustavo Gili, São Paulo 2015. [A 25 / 3362]
- Fachadas, Sica, Rafael (RS), Lote 42, São Paulo 2023. [A 25 / 3352]
- Damasco, Alexandre S. Lourenço, Lielson Zeni (RS), Brasa, Porto Alegre 2023. [B 25 / 845]
- Eu Fiz uma História em Quadrinhos, Fábio Zimbres (RS), Ugra Press, São Paulo 2020. [A 23 / 19849]

6. Uma coleção que continua aberta

Como mencionado, a maior parte da coleção brasileira do IAI é formada por publicações recentes, com forte crescimento a partir da década de 2010, culminando nos anos de 2015 e 2020. Esse período coincide com mudanças importantes no mercado editorial, com a expansão das graphic novels, das redes sociais e das plataformas de financiamento coletivo. Esses mecanismos permitiram que projetos que talvez nunca encontrassem espaço numa editora tradicional chegassem ao papel.

É uma coleção que revela uma época, onde foram criadas muitas ferramentas e espaços para uma popularização do fazer quadrinhos, por diversão, vontade ou necessidade. Nela também se abriram caminhos para temas e perspectivas que durante muito tempo receberam pouco espaço institucional: pautas feministas, racismo estrutural, intolerância religiosa, diversidade sexual, narrativas de autores negros, indígenas e periféricos e inúmeras outras questões que, de alguma forma, fazem parte do dia a dia da sociedade brasileira.

Olhando para essa produção recente, que não mostra sinais de esgotamento e segue firme apesar de todos os pesares e dificuldades, a bela insistência dos quadrinhos em existir.

“Produzir uma história em quadrinhos exige uma quantidade absurda de tempo, energia e dedicação, atividade que raramente oferece uma remuneração proporcional ao trabalho envolvido. No Brasil, são pouquíssimos os artistas que conseguem construir uma vida economicamente confortável apenas com quadrinhos. Mesmo assim, eles continuam sendo desenhados, impressos, financiados coletivamente, vendidos em festivais, trocados entre autores e leitores e cada mais presentes em bibliotecas” afirma Clayton.

“Por isso, nós gostaríamos primeiramente de agradecer aos autores de quadrinhos que conhecemos nesse projeto através de suas obras, e aos que ainda vamos conhecer. E gostaríamos de agradecer um ao outro: foi uma enorme satisfação fazer essa pesquisa em conjunto”, conclui Clayton.

Lea e Clayton chegaram ao projeto por trajetórias diferentes e olharam para os livros a partir de experiências diferentes. Os dois concordam que, o que tornou a colaboração possível foi justamente a paixão pelos quadrinhos e a curiosidade sobre aquilo que ainda não conheciam.

Os curadores agradecem também ao Ibero-Amerikanisches Institut pela oportunidade de realizar o projeto e pela simpatia e apoio durante o percurso.

“Esperamos que a exposição desperte curiosidade, e que ela leve mais pessoas até a própria coleção pra ler quadrinhos”, afirma Lea. Afinal, como sabem bem os dois organizadores da mostra, uma biblioteca não é apenas um lugar onde livros são preservados, mas um lugar onde eles esperam ansiosamente por seus leitores.

7. Bios dos curadores

Clayton Junior (Curitiba, 1977) é artista visual, ilustrador e autor de histórias em quadrinhos. É bacharel em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo e mestre em Ilustração pelo Camberwell College of Arts, University of the Arts London.

Publicou obras em diversos países, entre elas *Temporama* (Nobrow Press, Reino Unido, 2010) e a *graphic novel* *Ma Vie de Loup* (Sarbacane, França, 2018), publicada também no Brasil (Selvagem, SESI-SP, 2019) e nos Estados Unidos (Wild Thing, Ablaze, 2020). Sua produção transita por quadrinhos e narrativa visual, assim como pintura, design e publicações independentes.

Lea Hübner (Stuttgart, 1973) é tradutora de espanhol e português. Formada em Estudos Latino-Americanos, Espanhol e Filosofia pela Freie Universität Berlin, trabalha desde 2004 como traduto-

ra autônoma. As suas atividades incluem também a divulgação de histórias em quadrinhos latino-americanas no espaço de língua alemã, por exemplo, na curadoria do foco nacional dedicado à Argentina no evento Comic Invasion 2020 em Berlin e, atualmente, como editora convidada da edição 165 da revista STRAPAZIN.

Traduziu obras de autores como Powerpaola, Marcelo D'Saete, Marcello Quintanilha e Sole Otero, além de literatura infantil e ficção. Também leciona tradução e participa de conferências e festivais literários internacionais.

Berlin, August 2026

Credito das fotos: Kristin Wolter.